

Noticias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Encontra-se entre nós o nosso prezado conterrâneo e assinante sr. João de Brito Cerina, residente em Lisboa.

Com sua esposa, esteve nesta vila, com pouca demora, o sr. António Passos de Lima, nosso prezado amigo e assinante em Mértola.

A fazer a sua cura de águas, encontra-se nas Caldas de Monchique o sr. José Pedro de Sousa Oliveira.

Igualmente encontra-se nas Caldas de Monchique fazendo o seu habitual tratamento pelas águas, o nosso estimado amigo e assinante, sr. José Pedro de Sousa Oliveira.

Com sua esposa, encontra-se nesta vila, em gozo de férias, o nosso prezado assinante sr. José António Custódio, residente em Lisboa.

De visita a seus pais e acompanhada de seus filhos, encontra-se entre nós a sr.ª D. Maria José de Lima Ávila Avelar, residente em Lisboa.

Regressou de Lisboa, acompanhada de sua irmã, D. Maria José, a sr.ª D. Afonsina Casimiro de Lima, filha do nosso estimado amigo sr. José de Lima, que durante a sua permanência em Lisboa teve a oportunidade de ir visitar a cidade de Madrid a convite de suas amigas.

De visita a sua família, encontra-se nesta vila a sr.ª D. Anaiz Horta de Freitas, nossa prezada assinante residente em Lisboa, acompanhada de seu esposo sr. coronel José Albuquerque de Freitas.

Regressou da Tunísia, onde foi exercer as funções de mestre de «Les Madragues Tunisiennes» o nosso estimado assinante sr. João Félix da Silva, acompanhado de sua esposa.

Com pouca demora, esteve nesta vila o nosso prezado amigo e assinante, sr. tenente Salvador Martins, comandante da secção da Guarda Nacional Republicana em Tavira.

Com sua esposa e filho, encontra-se a passar o verão em Monte Gordo o sr. D. Enrique Suárez de Puga y Villegas, illustre cônsul de Espanha em Faro.

Esteve em Monte Gordo o nosso querido amigo e prezado assinante em Lisboa, sr. eng. José Gaudêncio de Campos Pessanha Barbosa.

Encontra-se na sua casa de Monte Gordo, com sua esposa e filhos, o sr. Emílio Garcia Ramirez, nosso prezado amigo e assinante.

De visita a sua família, esteve nesta vila o nosso amigo e estimado assinante em Portimão, sr. António Ramirez, que vinha acompanhado de sua esposa e sobrinha.

Em gozo de licença, encontra-se entre nós o nosso conterrâneo e prezado assinante, sr. João Lúcio da Silva Negrão, acompanhado de sua esposa sr.ª dr.ª D. Maria Isabel Medeiros Carrilho Negrão, residentes em Lisboa.

Em curta visita, vimos nesta vila o sr. dr. Afonso Xavier Fernandes, distinto juiz em Silves.

Regressou de Lisboa, onde passou uma temporada, a sr.ª D. Arminda Barbosa Guerreiro, filha do nosso amigo e prezado assinante sr. Alvaro Magno Guerreiro.

Vindo de Lisboa, encontra-se nesta vila o nosso estimado amigo, sr. Fernando Marques, filho do nosso prezado amigo e assinante, sr. José Rodrigues Marques.

Doente

Encontra-se já completamente restabelecido o nosso estimado amigo e assinante, sr. António da Cruz Martins, conceituado proprietário nesta vila, o qual aproveitou o ensejo para agradecer a todas as pessoas que se interessaram pelo seu estado de saúde.

IMPRESA

«Diário do Alentejo» — Completou mais um aniversário, com o seu número de 25 de Junho, findo, este nosso prezado colega, que se publica em Beja sob a brilhante direcção do sr. M. A. Engana. Apresentou, por esse facto, uma edição especial, com grande número de páginas e valiosamente colaborada.

Apresentando ao seu distinto director e a quantos ligam o seu esforço ao «Diário do Alentejo» as nossas calorosas felicitações, fazemos votos pelas prosperidades deste nosso estimado colega, desejando-lhe muito mais longa vida.

SESSÃO CULTURAL DA CASA DO ALGARVE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

são por algumas das mais importantes cidades daquele país.

Após breves palavras do sr. conselheiro Sousa Carvalho, o sr. Major Nascimento Moura, depois de saudar os componentes da mesa e a direcção da Casa do Algarve, na pessoa do seu presidente, sr. Major Mateus Moreno, recordou dados colhidos numa recente viagem através do Brasil, Cabo Verde e Guiné, dizendo: «Portugal encontra-se num daqueles momentos da sua história em que não pode deixar de fazer um balanço aos seus valores culturais e espirituais, para o necessário movimento realizador e civilizador além-mar. E não poderá esta casa regional do Algarve, desse Algarve que foi o solar onde era soberano do «Reino dos Mares» o culto e desinteressado Infante D. Henrique, desse Algarve que foi o berço de toda a legendária epopeia dos descobrimentos geográficos, — não poderá esta Casa deixar de considerar-se o lugar próprio para se falar do Ultramar Português, dos seus problemas, das suas ansiedades e inquietações».

«De loucura — recordou noutro passo — foi achada a minha recente digressão por alguns lugares recônditos de Cabo Verde. Ser durante sete dias prisioneiro da montanha e do abismo: dever às vagas do mar imenso o ter alcançado o cais da Aldeia da Janela, isolada da civilização, embora num fértil vale, nessa rica e interessante ilha de Santo Antão, ainda desprovida de cais, de estradas e de meios de transporte e comunicação; tudo isto pode considerar-se, na verdade, loucura, mas aí fui, no entanto, encontrar uma gentilíssima família, de nome Silva Paris, que me dispensou atenções de fidalguia pouco vulgar nos tempos de hoje». E acrescentou: — «Porque nada mais em mim cabe, para responder à mensagem que em Mindelo recebi, a todos os caboverdeanos aqui presto as homenagens do meu maior apreço e gratidão, pelas provas de alto sentido cívico que me patentearam e que bem merecedores os tornam de que os seus problemas sejam, sem delongas, resolvidos».

Ainda, noutro passo da sua bem documentada oração, o sr. major Nascimento Moura salienta o facto de a sala em que se encontra ter por fundo decorativo a figura de Nuno Tristão, o descobridor da Guiné, dizendo sentir-se no dever de chamar a atenção dos algarvios para essas terras a 6 dias da Europa, tão prometedoras e que tanto tentaram os seus antepassados, terras que bem se podem considerar filhas da longa elaboração do plano henriquino e dos homens, especialmente de La-

gos, que, «à sua custa, com seus corpos e seus navios», para ali iam em busca de novas terras e novas gentes para afeiçoar a lei de Cristo, melhorarem suas condições, trazerem informações e poderem depois a elas regressar, a fim de darem aos outros negros a civilização de um povo generoso e bom.

Passando depois em revista os valores culturais de Cabo Verde e da Guiné, o orador enalteceu a obra de divulgação científica nos últimos anos ali impulsivada pelos respectivos governadores, e mostrou as possibilidades económicas das duas referidas províncias ultramarinas, que considera de urgência encarar activamente.

Referindo-se, finalmente, ao Porto Grande de S. Vicente, em Cabo Verde, analisou as causas da sua decadência, após o progressivo desenvolvimento dos portos francos de Las Palmas e Tenerife, nas Canárias; mostrou, com números estatísticos, a importância do dito porto para o desenvolvimento do arquipélago e preconizou a criação de zonas francas no mesmo.

Cita, a propósito, o facto de D. Maria II ter determinado que a capital de Cabo Verde fosse em Mindelo, onde aquela soberana, que deu o nome à cidade, dizia deverem residir o governador e as principais autoridades. E acentua: «Com toda a minúcia, essa Rainha ordenava fossem plantadas árvores, em S. Vicente, onde se deviam estabelecer as indústrias, abrir poços artesianos e instalar um depósito dos produtos de todas as ilhas, bem como dos da Guiné».

Mencionando, seguidamente, os produtos desta província, que podem ter consumo em Cabo Verde ou ser permutados, o orador aconselha a formação de uma pequena unidade económica entre as duas províncias e conclui: — «Cabo Verde não será a terra pobrezinha dos poetas, se explorar a riqueza piscosa dos seus mares, em atum e lagosta; as pozolanas, a magnetite e a ilmenite, que possuí, e os seus frutos, como a banana, que incalculáveis benefícios poderá trazer à sua balança económica».

«Quanto a Guiné, — termina — é terra riquíssima, sulcada de rios navegáveis, que aguardam apenas a queiram trabalhar».

O sr. comandante João de Figueiredo comentou algumas afirmações do orador, renovando-lhe os mais vivos aplausos pelo seu trabalho.

Foi, seguidamente, dada a palavra ao antigo diplomata e presidente honorário da mesa da assembleia geral da Casa do Algarve, sr. dr. Amadeu Ferreira de Almeida, que, depois de saudar a mesa e o representante da mesma do Turismo Italiano em Portugal, fez

Contos Góticos

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

Velas, Penumbra, Tosse

Num cubículo alongado, que a penumbra e a humidade livremente devoram, as mulheres sentadas em banquinhos, trabalham ágilmente. Fazem velas de navios. Velas que, como o vento montado no dorso vertical, abrião, amanhã caminhos na distância. Destas mãos, que são frágeis, nascem velas... As mulheres estão sentadas nos banquinhos. Quietas — só, as mãos velozes. Fazem velas de navios — e são pobres. Macilentas de humidade e de penumbra. Tossem, amarradas ao cais da desventura. E fazem velas de navios...

H.

Hoje deu-me para aqui, contar histórias, contar pessoas que eu sei. Gosto de observar. Fixo com atenção quer um vestido quer uma alma. E quantas vezes as almas são ainda mais complicadas do que os sentidos! A H. passou dos trinta. Passou, e ficou angustiada. Faz repouso não sei quantas horas por dia. Banhos de sol, tratamentos disto e daquilo. É uma rapariga bonita. Vê-se ao espelho, de momento a momento, como os avarentos que, de hora a hora, mergulham as mãos nas libras de cavalinho para se certificarem de que estão ali, de que ainda existem...

O trinco do meu quarto desarticulou-se e um prego minúsculo ficou à superfície. A H. veio visitar-me e picou-se nele. Impressionou-se de tal modo que perdeu os sentidos. O prego estava enferrujado. Era um tétano, pela certa. Um tétano. Depressa, um médico, depressa uma injeção. Eu via, excitada no jogo, o mecanismo do medo impudicamente a descoberto. Não era perder a vida que a preocupava. Não era, digamos para empregar um velho trovão romântico, o «terror do além». Nada disso. Era que a sua beleza se perdesse. O medo de ficar desfigurada. A H. fitou-me, subitamente, como se os meus olhos tivessem campainhas. Os meus olhos cheios de febre. Deu-me um beijo e saiu. Parecia envergonhada.

Maria Manuela Nunes

FORMATURA

Concluiu a sua licenciatura em Ciências Económicas e Financeiras, com brilhante classificação, o nosso estimado conterrâneo sr. dr. António Manuel Capa Horta Correia, motivo por que lhe endereçamos sinceros cumprimentos de felicitações, cumprimentos que tornamos extensivos a seus pais, sr.ª D. Laura Piloto Capa Horta Correia e dr. António Virgílio Horta Correia, nosso prezado amigo e distinto clínico nesta vila.

FALEGIMENTO

No passado dia 13 do corrente, faleceu o menino António José Lourenço, de 12 anos de idade, natural de Alcoutim, filho do sr. Baltazar Lourenço, já falecido, e da sr.ª D. Maria José Lourenço.

TRESPASSA-SE

Uma Casa de Pasto, frente ao Mercado da Verdura, por motivo de retirada do seu proprietário. Informa: Alípio da Silva Amaro — Vila Real de Santo António.

uma interessante descrição dos monumentos e obras de arte que mais o impressionaram, na sua última digressão pelas cidades de Génova, Roma, Florença, Bolonha, Verona, Mantua, Parma, Gardone, Milão e Turim, narrando várias curiosidades históricas ou lendárias relacionadas com essas cidades, durante a apresentação de projecções luminosas. Na sala, encontrava-se exposta uma formosa colecção de fotografias com aspectos da Itália. Ambos os oradores foram, no final, muito aplaudidos e cumprimentados pela numerosa assistência.

FESTA de Nossa Senhora do Carmo EM ISLA CRISTINA

Começaram, no passado dia 15, as tradicionais festas em honra de Nossa Senhora do Carmo, que se realizam na vizinha cidade espanhola de Isla Cristina.

A abrilhantar esta concorrida festa, que atrai muitos turistas de toda a Andaluzia, passou pela nossa vila a banda de música «Sociedade Filarmónica Humanitária», de Palmela, que ao som das suas bem timbradas notas acordou toda a população, com grande gáudio da rapaziada e de outros de mais idade, para quem ainda está bem viva a lembrança das duas bandas que chegaram a existir na nossa terra.

NOVO ESTABELECIMENTO DE GELADOS EM MONTE GORDO

O conhecido e popular fabricante de especialidades em gelados e sorvetes, desta vila, sr. Firmo Gomes Toledo, vai abrir brevemente um estabelecimento de venda ao público, na praia de Monte Gordo (junto ao oceano), para o que adquiriu a mais moderna aparelhagem de fabricação. Trata-se dum autêntico melhoramento, que vai beneficiar os veraneantes da praia vizinha e o público, em geral.

Consulado de Espanha AVISO

Para debido conocimiento de las personas a quienes pueda interesar, se advierte que a partir del próximo martes, día 19, el horario de despacho al público de la Cancillería del Consulado de España será de nueve de la mañana a dos de la tarde.

Villa Real de San Antonio, 14 de julio de 1955.

A tiragem e a expansão de «Notícias do Algarve» justificam a preferência dos seus anunciantes e oferecem segura garantia dum útil e proveitosa publicidade.

TRESPASSA-SE

Um estabelecimento bem localizado na Rua Miguel Bombarda, n.º 58. Tratar com João Inácio Pato, Rua Almeida Garrett, n.º 12, em Vila Real de Santo António.

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

CAMIONETE

Hanomag, série 21 — estado nova com licença até 50 kilometros, vende-se em conta. Aceita propostas a Agência Comercial e Marítima do Sul — Vila Real de Santo António — Telefone 76.

Veículos Automóveis

SCANIA VABIS — camião para cargas úteis 8.000 a 12.500 quilos DE SOTO — camião para cargas úteis de 3.000 a 8.000 quilos Forgonetas e Automóveis das marcas DE SOTO, RENAULT e SIMCA Agentes no Sotavento do Algarve Agência Comercial e Marítima do Sul VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA de Vila Real de Santo António De 9 a 15 de Julho:

Table with columns for destination (TRAINEIRAS, CERCOS, Amazona) and amount. Total: 1.179.130\$00

Table with columns for destination (Atum da costa Algarvia) and amount. Total: 728.408\$20

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 9 a 15 de Julho:

Table with columns for ship name, origin, and status. Includes PALMELIAN, COSTEIRO, TERCEIRENSE, etc.

FARMÁCIA DE SERVIÇO Está de serviço permanente, de 16 a 22 de Julho, a Farmácia CARILHO, Praça Marquês de Pombal - Telefone 49.

SCOOTERS e MOTOS

HEINKEL — Bernardete — Douglas — Express HERCULES — Sun — Sterzi — Monet Goyon MONDIAL-ROYAL ENFIELD-A. J. S. -NORTON B. S. A. - MATCHLESS - TRUMPH SUMBEAN e VOLOCET Agência Comercial e Marítima do Sul Vila Real de Santo António TELEFONE 76

NÃO HESITE

Para os seus trabalhos tipográficos ou carimbos PREFERA A TIPOGRAFIA SOCORRO FÁBRICA DE CARIMBOS Telefone 59 Apartado 3 Vila Real de Santo António

Clínica de Santo António (CASA DE SAÚDE E REPOUSO) sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre Rua Guilherme Gomes Fernandes VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

COLÓNIAS BALNEARES INFANTIS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

cia à infância. E o Algarve, neste capítulo, tem quase tudo por fazer.

Estas condições foram-me sugeridas pelo espectáculo das cinco dezenas de crianças que contemplei, há dias, em Monte Gordo, numa destas maravilhosas manhãs de praia, como só encontramos no litoral algarvio (e em Monte Gordo, sobretudo).

Esta meia centena de garotos, na sua totalidade filhos de trabalhadores rurais, constituem o primeiro turno dos vários que a Câmara Municipal de Mértola, com a cooperação de diversos proprietários daquela região, manda todos os anos para Monte Gordo, expondo-as ao salutar clima da beira-mar e dando-lhes uma assistência a que, oportunamente, já tivemos ensejo de referir-nos nestas colunas.

Afiguram-se-nos supérfluas quaisquer palavras de louvor com que, porventura, distinguíssemos aqui os beneméritos organizadores da Colónia Balnear Infantil de Mértola; agradecimento melhor do que tudo quanto pudéssemos dizer, têm-no essas pessoas, conscientes do bem que praticam, ao contemplar, na sua gárrula desenvoltura, essas dezenas de crianças trazidas, pela sua generosa iniciativa, dos esbrazeados campos alentejanos para a brisa iodada da praia, da parca malga do lar paterno, para uma alimentação sã e regrada, rodeados de carinho, de assistência médica desvelada — e, acima de tudo, fazendo uma vida sã, ao ar livre, que lhes tonifica o corpo e a alma.

Foi tudo isso que eu vi, há dias, nessas ruidosas expressões infantis — lembrando-me de todos os milhares de crianças que vivem na serra algarvia ou nos centros industriais do litoral, aquelas torrando lentamente aos calores do Estio, estas banhando os corpiños enfezados nas águas lodosas e sujas de toda a casta de imundície da beira-rio.

E penso que, por acção das Casas do Povo, por exemplo, e dos Grêmios da Indústria de Conservas, essas crianças poderiam talvez usufruir, durante algumas semanas por ano, de um lugar ao sol.

Que tudo, ao fim e ao cabo, se resume numa questão de boa vontade, provou-o exuberantemente a Câmara Municipal de Mértola, coadjuvada por um grupo de pessoas a quem não falta, graças a Deus, essa mesma boa vontade.

J. A. Dias Pena

CURSO PARA A FORMAÇÃO DE TÉCNICOS DE CONSERVAS

A CRIAR NO ALGARVE

Iniciaremos, no próximo número deste jornal, a publicação de um brilhante estudo sobre o «Curso para a formação de Técnicos de Conservas, a criar no Algarve», da autoria do nosso ilustre compatriota e prezado amigo, sr. dr. António de Sousa Pontes, e que continua a valiosa série de artigos que, sob o título «O Algarve sob o ponto de vista industrial», aquele nosso distinto colaborador iniciou no n.º de 19 de Junho, findo, do «Notícias do Algarve».

Para ela chamamos desde já a atenção dos nossos leitores, em especial daqueles que se interessam pelos problemas técnicos e industriais da nossa província.

GRUPOS PARA REGAS

Desde Esc. 3.200\$00

Consulte a

Agência Comercial e Marítima do Sul

TELEFONE 76

Vila Real de Santo António

PORTO RAINHA SANTA

ATÉ OS ANJOS BEBEM!...

RODRIGUES PINHO & C.ª

Vila Nova de Gaia

Assina e propaga "Notícias do Algarve"

Madrinhas de Guerra para militares na Índia

Alguns leitores do nosso jornal, prestando serviço militar no Estado da Índia, pedem-nos que tornemos público o seu desejo de se corresponderem com senhoras que queiram prestar-lhes amparo espiritual, como madrinhas de guerra.

Aqui deixamos os seus nomes, com a certeza de que o apelo não será feito em vão:

Furriéis milicianos: João Manuel da Costa e José António Fernandes—Bateria de Artilharia D. João de Castro—Velha-Goa, Índia Portuguesa.

Marinheiros: José Amândio Fernandes Ramos, Augusto Vilhena Nobre e José Barbosa—Navio «Afonso de Albuquerque», Goa, Índia Portuguesa.

CANÍDEOS A MAIS

Chamamos a atenção da autoridade policial para o espectáculo indecoroso que oferecem algumas ruas da nossa terra, com a superabundância de cães vadios que nelas pulula. De dia, as zaragatas caninas não escolhem local nem hora, dando origem a cenas pouco edificantes. De noite, são os intermináveis «concertos» pelos «Carusos» de quatro patas — que não deixam dormir ninguém.

Não seria possível «hospedar» estes simpáticos bichinhos no canil municipal?

Ministério da Economia Direcção-Geral dos Combustíveis EDITAL

Eu, António Alfredo Sanchez de Castro da Costa Macedo, Engenheiro-Chefe da 2.ª Repartição da Direcção-Geral dos Combustíveis:

Faço saber que a Socony-Vacuum Portuguesa, S. A. R. L., pretende obter licença para uma instalação de armazenagem de gasóleo, com a capacidade aproximada de 42 m³, sita no cais do Rio Guadiana, próximo do Posto da Guarda Fiscal do Galeão, freguesia de Nossa Senhora da Encarnação, concelho de Vila Real de Santo António e distrito de Faro.

E como a referida instalação se acha abrangida pelas disposições do decreto n.º 29.034, de 1/10/38, que regulamenta a importação, armazenagem e tratamento industrial dos petróleos brutos, seus derivados e resíduos e pelas do decreto n.º 36.270, de 9/5/47, que aprova o Regulamento de Segurança daquelas instalações, com os inconvenientes de mau cheiro, perigo de incêndio e derrames, são por isso e em conformidade com as disposições do citado decreto n.º 29.034, convidadas as entidades singulares ou colectivas a apresentarem, por escrito, dentro do prazo de 20 dias, contados da data da publicação deste edital, as suas reclamações contra a concessão da licença requerida, e examinar o respectivo processo nesta Repartição, Avenida Miguel Bombarda, n.º 6, em Lisboa.

Lisboa e Direcção-Geral dos Combustíveis, em 5 de Julho de 1955.

O eng.º chefe da 2.ª Repartição, António da Costa Macedo

DOENÇAS DA PELE

só três dias de tratamento com

PRODERMA

DEPOSITÁRIOS:

Drogaria Rodrigues da Silva, L.da

COIMBRA

AS FLORES QUE PRECEDEM A PRIMAVERA

(CONCLUSÃO DA 4.ª PÁGINA)

algo de impreciso, ainda, porém algo de maravilhoso, corria nas suas veias.

Juntou os livros, e a passo decidido voltou a casa.

Estava ainda longe quando deu conta do movimento desusado que ia junto do portão da quinta que o avô fazia. Pessoas entravam e saíam apressadamente. Um presencioso bateu dentro dele como um soco. Seria que a mãe?... A doença dela preocupava-o constantemente. Tinha sempre diante de si a recomendação do pai: «Toma conta, Eduardo. Em ti é que eu tenho confiança. Não deixes que a mãe se fatigue. Obriga-a a comer a sopa, a tomar os ovos.» Mas riu do seu cuidado, porque logo adivinhou o motivo. E' que no dia seguinte era o dia do seu aniversário. Eduardo fazia doze anos e o avô prometera celebrá-los com uma festa «a valer». Os tios e os primos foram convidados; eis lá estava ao portão a charrete do tio Baltazar. Estugou o passo.

—Olá—disse o tio Baltazar numa voz desinteressada.—Como vai isso? O Liceu?

—Tudo bem. A tia Margarida?

—Lá para dentro.

—Já viu a minha mãe?

—Está famosa.

—Os primos?

—Os mais logo. Tinham explicação.

Não havia para mais conversa. Eduardo afastou-se.

—Bem, até logo. Demora-se aí? —Diz à tia que eu já vou.

O tio Baltazar dobrava entre a palma da mão e o cotovelo a corda de apertar a mala. Seguiu com os olhos o sobrinho: «Que belo rapaz se não fosse tão pedante. Tão senhor do seu nariz. Parece que todos lhe devem. O Liceu subiu-lhe à cabeça.»

A mãe recolhera à salinha no andar de baixo. Continuava deitada, com a manta colorida sobre os joelhos. Ao pé, a tia Margarida. Eduardo estendeu-lhe a mão.

—Assim?—disse ela—Não me dá um beijo?

Deu-lho forçadamente. Não gostava da tia Margarida. Ainda mesmo quando se fazia meiga e atenciosa. Sempre se recordava dela, lívida, a esbofetear uma criada que lhe partira uma chávena ao lavar a loiça.

—Sentes-te bem disposta?

—Ótima — respondeu a mãe.

—O pai escreveu?

—Está aí a carta.

—Vem?

—Só amanhã.

Fez um trejeito de aborrecimento.

—Porquê? — voltou ela.

—Nada.

Guardou a carta num livro, e junto da porta voltou-se:

—Vou lá para cima. Queres alguma coisa?

—Andas enervado.

—Não, mãe.

—Está um homem — exclamou a tia Margarida.

Os olhos da mãe sorriram.

—O senhor Mariana... E' preciso aquilo?

—Aquilo o quê?

—O bicho estar amarrado.

Em resposta, encolheu os ombros:

—E' assim que os mandam sempre.

—Até quando fica ele amarrado?

—Até manhãzinha. Deve matar-se oito horas antes.

—Porquê?

—Foi assim que aprendi. Fica mais tenro.

—Mas é preciso ficar amarrado?

—Dizem que sim. Se estivesse livre, ninguém mais o via. Ia-se por esses montes...

Com as mãos à ilharga, olhou indiferente o corpinho malhado que resfolegava. Voltou a alçar os ombros:

—E' pra matar...

Francisco safu da cozinha a limpar os beijos.

—Ouviste? E' aquela de bico, mais afiadinha. Podes deixá-la à beira da janela, que eu, antes de ser manhã, passo a buscá-la.

Agarrou primeiro nas patas da frente do cabrito, e a seguir nas de trás. Deu um golpe brusco e enrolou-o no pescoço. O animal baliu.

—Não me azoires os ouvidos — disse.

Ao pé da cerca, voltou-se direito à cozinha.

—Olha cá, e a lanterna?

—Já tem petróleo — respondeu, de dentro, a Mariana.

Encostado à cepa grossa que, no tempo, cobria de cachos e de sombra meio pátio, Eduardo viu o Francisco subir os degraus que ligavam à quinta, encaminhar-se vagarosamente para a casinha da eira. Aí ficaria o animal à espera que rompesse a manhã. A esperá da morte.

Encaminhou-se para a salinha onde a mãe descansava. Gostava de lhe dizer que... Dizer-lhe o quê, afinal? Sim, era isso, dizer-lhe que o mundo estava metido numa rede de desgraça que cobria os seres e as coisas. Que se sentiu oprimido como se fosse ele, Eduardo, e não o cabritinho que tivesse os pés amarrados.

Chegou a abrir a porta, mas os olhos redondos da tia Margarida fizeram-no recuar. Subiu para o seu quarto pela porta da cozinha nova. E enquanto subia as escadas íngremes, um plano audacioso começava a tomar forma...

Acordou alta noite, estremunhado. De bruços, levantou a cabeça como se alguém o houvesse chamado. Não teve dificuldade em permanecer de olhos abertos. Saltou da cama. A lua, na esquadria na janela, iluminava-lhe o quarto todo. O vento agitava brandamente o folhado mal nascido da latada. Julgou ouvir passos e conteve a respiração. Nada. Em casa, também, tudo em silêncio. Procurou o relógio de pulso: vinte e cinco minutos para as duas horas. Acordara a tempo! Vestiu-se com presteza, não se esquecendo de guardar no bolso a navalhinha branca. Em meias, aproximou-se do corredor. Abriu a porta, cuidadosamente. A mãe, no quarto ao lado, tossiu. Lembrou-se de que ela podia levantar-se, como fazia às vezes para ver se ele dormia descoberto. Se assim acontecesse, tudo estaria perdido. Devia agir — e depressa.

Deu uns passos e logo a seguir voltou a parar. Ouviu movimento no quarto dos avós. Falavam. Parecia alguém levantado. O avô, talvez, para vigiar as laranjas. Não podia seguir pelo corredor. Então a avó! Tinha orelhas capazes de ouvir as ervas crescer. Imaginou a voz dela, rouca: «Quem anda por aí, quem?» Uma súbita ideia o empolgou. Correu para o quarto e debruçou-se da janela. Demasiado alto. Mas ao lado, uns metros ao lado, havia a cepa-mãe da latada. Pôs o corpo todo de fora, susteve o pé no rebordo da parede. Agarrou o varão de ferro que aguentava a parreira. Finalmente, a cepa estava ao seu alcance. Abanou-a para lhe medir a resistência. Mal conseguiu deslocá-la. «Ótimo!» pensou. E deixou-se escorregar para o chão.

O luar, passando através dos inúmeros braços da parreira, estendia no pátio um tapete claro-escuro. Eduardo não perdeu

tempo. Deu uma corrida brusca, saltou os quatro degraus que o separavam da quinta. Passados breves instantes, abria a cancela tosca da casa da eira.

Ao princípio nada viu. Distinguiu, confusamente, a mancha negra da lenha amontoada. Debaixo dos pés, as agulhas dos pinheiros estalavam. Paus compridos e finos de marmeleiro caídos no chão. Servir-lhe-iam para se orientar. Baixou-se para apanhar um, e sorriu do engano. Eram fios de luar que se infiltravam pelas telhas mal ajustadas.

Rumor de palha e um rouco, desenganado balido, mostraram-lhe o caminho. Não tardou em sentir debaixo das mãos trémulas o corpo do animal.

—Chiu! — disse, e estranhou o tom carinhoso da própria voz. Não venho fazer-te mal, descansa.

Alongou o dorso quente, de pelo áspero. Agora via com suficiente nitidez o corpo estendido. Desarmou a navalha e procurou, tacteando, o laço do joanete.

—Não te mexas, olha que posso ferir-te. Ouve? Não tarda que estejas livre. E depois, trata de fugir, entendes? Não apareças mais...

Os joelhos feriam-se na caruma. Mas não podia levantar-se.

—Foge por esses montes. Não deixes que te apanhem. Ouve bem? Não deixes que te apanhem. Se o quiserem fazer, defende-te. Não vês, meu tonto, que se te amarrarem os pés é porque te querem matar?

Com as duas patas soltas, o cabrito tentou erguer-se, mas caiu para cima do Eduardo, que o sacudiu com os ombros. Procurou-lhe as patas da frente até sentir a aspereza do cordão de juta.

—Já falta pouco, está quieto. Promete que não vais ficar por aí. Promete que enquanto tiveres forças hás-de fugir. Promete que hás-de defender-te. Defende a tua vida. Aceita tudo, menos que te amarem os pés.

O cabrito empertigou-se de um salto. Sacudiu-se e encaminhou-se para a porta. Aí, como que extasiado no luar, olhou fixamente a noite. Depois, pôs-se a lamber as pernas.

—Foge, doido — gritou-lhe o rapaz excitado — Que estás à espera?

Atirou-lhe com gravetos. Correu atrás dele. Correu ainda mais arremessando pedras.

—Fogel Fogel Fogel

Súbitamente, com indizível prazer, viu o corpinho ágil, num momento de asas, galgar o muro. Para além, era o campo, o monte, a liberdade...

O luar continuava sereno e longo, como um túnel aberto em plena noite. As árvores estavam imóveis, grosseiramente debuxadas. Parecia que uma profunda tranquilidade se apoderava da terra. Parecia que a vida ficara soterrada por toda uma imensidade de silêncio. Mas havia uma inquietação no ar. Uma inquietação como no instante em que a mão da forneira se levanta e abençoa o pão que, em silêncio, começa a levedar.

Eduardo parou. O coração batia desordenado, como se o cabritinho continuasse o galope mas no peito dele. Deixou cair, suavemente, uma pedra que arrochava entre os dedos.

Uma orgulhosa paz inundava o seu coração de secretas harmonias. Alcançara a primeira vitória. Levantara a cabeça, a oferecer às estrelas o espectáculo mais belo da vida — o despertar de uma consciência. Aí, de pé, no meio do silêncio, da noite ensonada em luar, só. Uma minúscula florzinha mais, entre as quase invisíveis flores azuis. As flores que precedem a primavera.

Maria Manuela Nunes

ÁGUAS MINERO-MEDICINAIS DO VIMEIRO

Hipossalinas Cloro-Bicarbonatadas Mistas

De grande eficácia no tratamento das doenças do Fígado, Rins, Bexiga e aparelho digestivo

Termas em Macelra — Torres Vedras, com bom hotel, piscina e balneário

Vendem-se em todo o País, natural em garrações e gasificada em garrafas

Pedidos ao Agente em Vila Real de Santo António

CLEMENTE & FILHOS, L.ª

TELEFONE 92

José Celestino Afincão

Fábrica de Farinhas, Guanos e Óleos de Peixe

PROPRIETÁRIO DE SALINAS

Armazenista e distribuidor de sal comum, moído e refinado

TELEFONE 207

APARTADO

OLHAO Portugal

RELÓGIOS - RELÓGIOS

Hoje, amanhã e sempre

BOAS MARCAS E COM REPUTAÇÃO MUNDIAL

SÓ NA ANTIGA CASA

RAMOS & MATEUS

R. Teófilo Braga - Vila Real de Santo António

Barco de Pesca

Apetrechado com todos os requisitos para a pesca à linha e trolley, equipado com motor 110 HP e à vela. Instalação eléctrica, sonda até 800 braças. 8 câmaras frigoríficas. Toda a aparelhagem para a pesca. 5 doris e seus aprestos. Comprimento entre perpendiculares, 24,12 m.; fora a fora, 28,84 m. Tudo em óptimo estado. Vende-se barato por desarmónia entre sócios.

Resposta ao número 100 deste jornal.

ÓCULOS

para sol e vista cansada e sob receita médica

Consulte a:

Agência Comercial e Marítima do Sul

— Telefone 76 —

Vila Real de Santo António

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Problemas inerentes às corridas e que carecem de resolução.

Zonas da costa Sul do Algarve em que não aterra o atum de direito e o atum de revés.

Algumas considerações sobre a pesca do atum.

Influência do Estreito de Gibraltar na pesca do atum nas costas de Portugal, Espanha e Marrocos.

Zona de resguardo a conceder às armações fixas para a pesca do atum, durante a época do seu lançamento e relativamente aos cercos americanos e semelhantes.

Zona de resguardo a conceder às armações fixas para a pesca do atum, durante o seu lançamento, e relativamente às artes de sacada.

Algumas considerações sobre o estabelecimento de uma armação fixa, só de direito, para pesca do atum, na parte da costa do Algarve compreendida entre o Cabo de S. Vicente e a Ponta de Sagres, e que tem o nome de Enseada do Belixe.

Armação fixa para a pesca do atum, da Ponta da Baileira.

Local sito ao Sul da Ponta da Atalaia e que se presta, melhor do que nenhum outro, para lançamento de armação de direito e de revés com abundantíssimo rendimento piscatório, nomeadamente na temporada de direito.

A pesca do atum deveria ser versada nas Escolas Profissionais de Pesca.

Esperamos, ansiosos, que este trabalho, que versa aspectos tão tentadores, seja publicado pelo seu autor, pois, a avaliar pelo sumário, deve ser um estudo digno de apreço e que pode contribuir para o desenvolvimento da pesca do atum, introduzindo-lhe inovações que valorizem a economia da nossa provincia.

IMPUNIDADE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

noventa e nove por cento dos casos elas não têm culpa. E' sempre o seu demasiado coração, ingenuidade, inocência, o ROMANCE, o SONHO, a criminosa ausência duma adequada educação sexual — QUE AS PERDE, que as atrai para a ladeira.

Depois? Os filhos de pai incógnito, o estigma da prostituição, uma vida quebrada — a proibição de embalar às claras, a luz do sol, um filho muito seu...

Outras vezes, centenas de acidentes trágicos, dolorosos como o desta pobre L. C. M. morta em plena Primavera...

Os problemas não se resolvem ocultando-se. Não. E' às claras, debatendo-os, encarando-os de frente.

Cabe, pois, ao Governo solucionar-lo, a bem da moral e da justiça, na defesa dos fracos. A minha pena, entretanto, continuará a defender a juventude feminina, todas as mulheres vítimas da cidade, da infâmia, da IMPUNIDADE.

Há que estabelecer responsabilidades insofismáveis para com as seduzidas; com as despesas durante a gestação — auxílio eficaz à mãe e à criança.

Há que criar «Lares de Tránsito» — idênticos e com a mesma finalidade daqueles que foram fundados por essa maravilhosa mulher que foi Eva Peron — a quem neste momento crítico para a Argentina, uma vez mais presto homenagem.

Não, não podemos assistir apáticos ao ver tanta mocidade condenada; crucificada para sempre, para a eternidade.

A vida tem um sentido demadadamente profundo e divino, para que esteja ao alcance do primeiro malandro.

Carlos de Riobom

Cemitério de Silves

O sr. ministro das Obras Públicas concedeu, pelo Fundo do Desemprego, à Câmara Municipal de Silves a comparticipação de 47 contos para ampliação do cemitério daquela cidade.

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

AS FLORES QUE PRECEDEM A PRIMAVERA

DEMORAS-TE? Para onde vais? — perguntou a mãe, depois de beijar o rapazinho na testa. Ele fez um gesto com a cabeça: — Lá para cima...

Já sei. Para o pé daquela nuvenzinha branca. Já lhe tocaste? Eduardo sorriu. — Ela vai sempre com muita pressa...

É um jogo muito interessante. — Que jogo, mãe? — O jogo das nuvens. As nuvens não são apenas decorativas. As nuvens falam como as pessoas.

Ergueu-se levemente da cadeira de repouso e acenou para um moço da lavoura: — O António, é capaz de vir chuvia amanhã.

O trabalhador pousou os baldes para, com a mão direita, fazer de pala. — Ná. As nuvens estão muito levezinhas, lá muito por riba. Pode é vir uma ponta de vento, isso não digo.

Vês tu? — retomou a mãe — O Homem até conseguiu domesticar as nuvens. Se eu fosse a tia aprendendo essas coisas, esse jogo das nuvens. Tu no cabeço, sentado, e a nuvenzinha encostada ao céu, a embaralhar as mãos atrás das costas e a perguntar: «Adivinha o que eu tenho aqui...»

Eduardo riu, abertamente. A covinha no queixo ficou mais pronunciada. «Tal qual!» pensou ela, lembrando-se do marido.

Não me esqueço, mãe. Depois te conto. — Mas demoras-te? — Não me demoro. Às quatro horas estou de volta.

Não te parece que está frio? — Frio? — E teve um sorriso trocista — Lembra-te que é quase primavera, mãe...

Quase... Ficou imóvel, vendo-o afastar-se, apressadamente, com receio de que ela o mandasse vestir a camisola de lã. Retribuiu-lhe o aceno, ao contornar o alegrete que servia de divisória entre o pátio e o campo. Depois, fechou os olhos como se a felicidade tivesse um brilho demasiado intenso para poder fitá-la.

Eduardo deixou o portão da quinta e tomou pelo caminho à esquerda. Subia a ladeira a passos largos. Que bem sabiam aqueles três dias furtados ao bulício do liceu, da cidade! Era em fevereiro. O ar tinha uma leveza de pétala. E transparente... Distinguiam-se, sem esforço, as rugosidades da pedra, lá em cima, e o corpinho negro dos pássaros nos ramos ainda sem folhas. A terra estava húmida e mole. A primavera ainda vinha longe mas aqui e ali, na erva carregada de verde, despontavam já flores minúsculas. Eduardo baixou-se para apanhar uma. Era uma florzinha azul, quase sem pé. As pétalas raiavam-se de preto como se a flor temesse parecer demasiado monótona. Eduardo notou que as flores caminhavam à sua frente. Afogadas na erva. Aparentadas nos torrões de alqueive. Mas, de qualquer modo, fazendo sempre chegar à superfície uma pintinha azul como um sinal.

Passada meia hora, atingiu o cabeço. Sentou-se na pedra redonda e lisa, encostada a uma outra mais alta e escura. Conhecidos de há muitos anos, a pedra e ele. Sempre que estava de férias era ali que passava as tardes, quando, em busca de aventuras, não se fazia, com os da sua idade, à ribeira, ou à cata de medronhos, sítios, novidades. Sentava-se ali com os seus livros, seus cadernos. Lia, estudava, ou simplesmente ficava a olhar lá para diante.

— Quem são vocês? perguntou. Riram-se, entreolharam-se e voltaram a rir mais.

Somos nós... — respondeu o que parecia o mais velho. Eduardo ficou abalado com a resposta. Reparara já que os camponeses têm uma maneira especial de confundir os de fora: falam meio sérios, com um sorriso de quem os está a disfarçar.

Como é que vocês podem andar com os pés descalços? — perguntou, vendo que uma das meninas pousara o pé mesmo à beirinha de um cardo. Eles voltaram a rir-se, desta vez desabaladamente.

— Ai! — disse a dos cabelos quase brancos — atão a gente há de deixar os pés em casa? — Nova explosão de riso. Eduardo sentiu-se afundar. Mas repentinamente e contagiado, pôs-se também a rir. Isto quebrou as

te, onde a vida dos homens seguia em turbilhão. Muitos problemas sérios preocupavam já a cabecinha do Eduardo. Ficavam dentro dela toscos mas imponentes como a pedra caída, não se sabe de onde, no caminho das Talhadas. Eduardo, prestes a fazer doze anos, possui uma sensibilidade em que só a poder de muita convivência é possível reparar. A primeira vista tem-se a impressõ

barreiras, porque o riso é uma forma de parentesco. E os meninos, postos à vontade, aproximaram-se da pedra redonda. Eduardo fechou o livro. — De onde são vocês? — Gemil — disse a menina mais baixa. — Eu; aqueles são de mais adiante. — Andam a passear? — Ai, andamos! — tornou o mais alto — Eu fui lá abaixo buscar

umas ervas prá, nha mãe, estes foram deitar uma carta no correio pró irmão que está no sei onde. Aquela — e apontou com o beijo estendido — andou aos alcátruzes. — Andou aos alcátruzes? repetiu Eduardo. — Andou na esmola. Às buchas. — Na esgatanha... — ciciou a dos cabelos brancos.

A do saco de ramagens, uma menina de trapo, fitou-a com dureza e fez menção de lhe bater: — Eu seja cega. — Ai não. E' quando calha — voltou a companheira, moedora. Subitamente, uma longuinha de tonação estremeceu a tarde. Os

so que o seu dinamismo! Tiro o meu chapéu, com gesto de despedida, e retomo o meu lugar no carro. Vamos a S. Brás e ali encontro um companheiro de infância de Bernardo de Passos. Falámos nele com manifestação de emoção, e também em Carlos Fuzeta e João Lúcio, que, na mocidade, aportavam a S. Brás de Alportel e arredores para retemperar o organismo.

Dentro de minutos, entramos em Olhão. Vou visitar o monumento vivo — João Capuz. Bato à porta e a criada veio abrir, reconhecendo-me imediatamente. O João, sem capuz, vem ao meu encontro. Abraçámo-nos como velhos amigos e, como ele está surdo, grito-lhe: — Lourencinho, como passou nos dias que café a neve? Percebeu a pergunta e, lépido, disparou logo a resposta: — Passei mal... Mas minha mulher embrulhou-me em dois cobertores e meteu-me na cama, escapando assim à morte!

Encantou-me a graça e a naturalidade com que ele me transmitiu estas palavras, sem perder a vivacidade de outros tempos. E no seu activo, entretanto, já contava noventa e um anos e um mês. Seguiu-se a nossa conversa íntima, prolongada, com ditos humorísticos de parte a parte. Embarcou este ano, em Março, para o outro mundo, e eu aqui estou, mais uns meses, à espera da carta de chamada do meu amigo S. Pedro...

Para matar o tempo, pego em uma Antologia de «Poemas Portugueses», e começo pelo fim: Se eu pudesse, Fernando, e tu [me ouvisses, Voltávamos à mesma: Tu, lá [onde Os astros e as divinas madrugadas Noivam na luz eterna de um [sorriso; E eu, por aqui, vadio de des[crença, Tirando o meu chapéu aos ho[mens de juízo... Isto por cá vai indo como dan[tes; O mesmo arremelgado idiotismo Uns Senhores que tu já co[nhecias — Autênticos patifes bem falantes...

O João Capuz, lá onde os astros e as divinas madrugadas noivam, sabe perfeitamente que este trecho de versos foi dedicado a Fernando Pessoa, aquele filósofo e poeta que morreu novo, cheio de talento e de tédio, aborrecido de patifes bem falantes?

Pois eu, caro Lourenço, para não morrer assado na mesma grelha, como aconteceu ao seu homónimo, continuo a combater os tartufos de várias camadas so-

UM CONTO DE MARIA MANUELA NUNES

de se tratar de um bichinho do mato. O primeiro olhar de Eduardo é atirado à cara das pessoas, e estas retraem-se. As pessoas crescidas gostam das crianças frágeis que possam agarrar nos braços e embalar. Aliam à ideia de criança a ideia de protecção. E quando encontram alguma que demonstre firmeza e autodomínio, sentem-se logradas e secretamente medrosas como se deparassem com um fenómeno estranho. Daí a antipatia vai um passo. E quantas vezes o adulto cria entre ele e a criança um fosso que a vida não preenche mais. Ou, se preenche, não evita a cicatriz que para sempre se talhou na terra fresca.

Parece, às vezes, manter-se alheado ao que se passa à sua volta. Os parentes que com ele convivem menos tomam isso à conta de «complexo de superioridade», como diz o Tio Baltazar. O alheamento de Eduardo é, porém, superficial. Enganoso. Porque a realidade não encontra espelho mais solícito do que a sua alma sempre atenta. A mão cheia de água que a nuvem pousou numa cova do caminho é isso apenas: um bolsinho de água no vestido da terra. Mas reflectem-se nele as árvores, o vôo dos pássaros, a vastidão do céu e até os passos miúdos e apressados do vento.

Com os livros esquecidos nos joelhos, apoiando a nuca nos dedos entrelaçados, Eduardo olha em frente. Ao longe, homens que a distância reduz a formigas laboriosas, seguem na vereda, ajudados ao peso de cestos e carregados de lenha. Outros, dispersos nas leiras, vão e vêm entregues às mil fadigas do campo. Um cavador larga a enxada para cuspir nos dedos. Endireita-se, afagando a espinha com as costas da mão. E continua, depois, a cavar ritmadamente, sem pressa.

Conhece o jantar e a ceia daquela gente. Caldo verde com broa, o mais das vezes, uma mancha de azeitonas comidas sem mais nada. Quando calha, um nauquito de toucinho rançoso molhado na broa dura que é preciso amaciar com saliva para se poder trincar. Como podem eles levar de sol a sol de enxada nas unhas, ou calcorreando atalhos e leiras, ou curvados para a terra na monda ou na ceifa extenuante, com um caldo verde mal adubado? E depois as casas onde moram... De casa, só o nome sagrado e o amor a ela. No resto, um monte de pedras mal amanhadas, onde o vento se infiltra, de envolta com aranhas e osgas.

— Mas foi sempre assim? — pensava, angustiado — Mas será sempre assim? E porquê? — Resolvia-se a alongar caminhos ainda mal esclarecidos e dolorosos, quando um ruído ao lado o obrigou a voltar a cabeça e a sentar-se direito. Dois meninos e duas meninas olhavam-no atentamente. Uma das meninas chupava o cordão da bolsa que tinha no ombro.

— Quem são vocês? perguntou. Riram-se, entreolharam-se e voltaram a rir mais.

Somos nós... — respondeu o que parecia o mais velho. Eduardo ficou abalado com a resposta. Reparara já que os camponeses têm uma maneira especial de confundir os de fora: falam meio sérios, com um sorriso de quem os está a disfarçar.

Como é que vocês podem andar com os pés descalços? — perguntou, vendo que uma das meninas pousara o pé mesmo à beirinha de um cardo. Eles voltaram a rir-se, desta vez desabaladamente.

— Ai! — disse a dos cabelos quase brancos — atão a gente há de deixar os pés em casa? — Nova explosão de riso. Eduardo sentiu-se afundar. Mas repentinamente e contagiado, pôs-se também a rir. Isto quebrou as

umas ervas prá, nha mãe, estes foram deitar uma carta no correio pró irmão que está no sei onde. Aquela — e apontou com o beijo estendido — andou aos alcátruzes. — Andou aos alcátruzes? repetiu Eduardo. — Andou na esmola. Às buchas. — Na esgatanha... — ciciou a dos cabelos brancos.

A do saco de ramagens, uma menina de trapo, fitou-a com dureza e fez menção de lhe bater: — Eu seja cega. — Ai não. E' quando calha — voltou a companheira, moedora. Subitamente, uma longuinha de tonação estremeceu a tarde. Os

so que o seu dinamismo! Tiro o meu chapéu, com gesto de despedida, e retomo o meu lugar no carro. Vamos a S. Brás e ali encontro um companheiro de infância de Bernardo de Passos. Falámos nele com manifestação de emoção, e também em Carlos Fuzeta e João Lúcio, que, na mocidade, aportavam a S. Brás de Alportel e arredores para retemperar o organismo.

Dentro de minutos, entramos em Olhão. Vou visitar o monumento vivo — João Capuz. Bato à porta e a criada veio abrir, reconhecendo-me imediatamente. O João, sem capuz, vem ao meu encontro. Abraçámo-nos como velhos amigos e, como ele está surdo, grito-lhe: — Lourencinho, como passou nos dias que café a neve? Percebeu a pergunta e, lépido, disparou logo a resposta: — Passei mal... Mas minha mulher embrulhou-me em dois cobertores e meteu-me na cama, escapando assim à morte!

Encantou-me a graça e a naturalidade com que ele me transmitiu estas palavras, sem perder a vivacidade de outros tempos. E no seu activo, entretanto, já contava noventa e um anos e um mês. Seguiu-se a nossa conversa íntima, prolongada, com ditos humorísticos de parte a parte. Embarcou este ano, em Março, para o outro mundo, e eu aqui estou, mais uns meses, à espera da carta de chamada do meu amigo S. Pedro...

Para matar o tempo, pego em uma Antologia de «Poemas Portugueses», e começo pelo fim: Se eu pudesse, Fernando, e tu [me ouvisses, Voltávamos à mesma: Tu, lá [onde Os astros e as divinas madrugadas Noivam na luz eterna de um [sorriso; E eu, por aqui, vadio de des[crença, Tirando o meu chapéu aos ho[mens de juízo... Isto por cá vai indo como dan[tes; O mesmo arremelgado idiotismo Uns Senhores que tu já co[nhecias — Autênticos patifes bem falantes...

O João Capuz, lá onde os astros e as divinas madrugadas noivam, sabe perfeitamente que este trecho de versos foi dedicado a Fernando Pessoa, aquele filósofo e poeta que morreu novo, cheio de talento e de tédio, aborrecido de patifes bem falantes?

Pois eu, caro Lourenço, para não morrer assado na mesma grelha, como aconteceu ao seu homónimo, continuo a combater os tartufos de várias camadas so-

DUARTE PACHECO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

so que o seu dinamismo! Tiro o meu chapéu, com gesto de despedida, e retomo o meu lugar no carro. Vamos a S. Brás e ali encontro um companheiro de infância de Bernardo de Passos. Falámos nele com manifestação de emoção, e também em Carlos Fuzeta e João Lúcio, que, na mocidade, aportavam a S. Brás de Alportel e arredores para retemperar o organismo.

Dentro de minutos, entramos em Olhão. Vou visitar o monumento vivo — João Capuz. Bato à porta e a criada veio abrir, reconhecendo-me imediatamente. O João, sem capuz, vem ao meu encontro. Abraçámo-nos como velhos amigos e, como ele está surdo, grito-lhe: — Lourencinho, como passou nos dias que café a neve? Percebeu a pergunta e, lépido, disparou logo a resposta: — Passei mal... Mas minha mulher embrulhou-me em dois cobertores e meteu-me na cama, escapando assim à morte!

Encantou-me a graça e a naturalidade com que ele me transmitiu estas palavras, sem perder a vivacidade de outros tempos. E no seu activo, entretanto, já contava noventa e um anos e um mês. Seguiu-se a nossa conversa íntima, prolongada, com ditos humorísticos de parte a parte. Embarcou este ano, em Março, para o outro mundo, e eu aqui estou, mais uns meses, à espera da carta de chamada do meu amigo S. Pedro...

Para matar o tempo, pego em uma Antologia de «Poemas Portugueses», e começo pelo fim: Se eu pudesse, Fernando, e tu [me ouvisses, Voltávamos à mesma: Tu, lá [onde Os astros e as divinas madrugadas Noivam na luz eterna de um [sorriso; E eu, por aqui, vadio de des[crença, Tirando o meu chapéu aos ho[mens de juízo... Isto por cá vai indo como dan[tes; O mesmo arremelgado idiotismo Uns Senhores que tu já co[nhecias — Autênticos patifes bem falantes...

O João Capuz, lá onde os astros e as divinas madrugadas noivam, sabe perfeitamente que este trecho de versos foi dedicado a Fernando Pessoa, aquele filósofo e poeta que morreu novo, cheio de talento e de tédio, aborrecido de patifes bem falantes?

Pois eu, caro Lourenço, para não morrer assado na mesma grelha, como aconteceu ao seu homónimo, continuo a combater os tartufos de várias camadas so-

pássaros voaram, desaustinados. Seguiu-se uma outra, decorridos instantes. A menina de saia feita com remendos empalideceu e tapou os ouvidos com os dedos trémulos. O saco das esmolhas ficou sem dono, na terra escura. — E nas pedreiras — explicou o mais velho — O pai dessa aí ficou por lá o ano passado. Não fugiu a tempo...

Eduardo fitou o corpinho miúdo onde as espáduas sobressaem como duas asas em embrião. Não podia falar. Chegara ao ponto onde as palavras hesitam e se sustêm como os cavalos à beira do abismo. A boca pusera-se-lhe seca e as mãos frias.

— Então lá em casa... — murmurou finalmente. — An, lá em casa! — e o rapazinho alçou os ombros — Ainda por cima a mãe dela tem uma coisa má. Dão-lhe uns ataques...

A menina agarrou no saco de ramagens e afastou-se. A outra, de cabelos brancos caídos para os ombros, puxou pela manga do companheiro que falava: — Cala-te, homem. Sabes o que estás a dizer? Anda daí, senão a mãe malha na gente.

Afastaram-se. Eduardo encostou-se ao cadeirão de pedra. A vida subira até ao Cabeço Alto para lhe contar uma desgraça mais. Para soterrar o seu coração numa avalanche de pedra e lama. Sufocava debaixo dela. Mas não queria fugir. Não podia fugir. Sentia como que uma dor gostosa naquele peso medonho sobre a sua alma. Porque ao mesmo tempo que se sabia impotente para compreender a torrente impetuosa, tomava consciência dela. E

(CONCLUSÃO DA 3.ª PAGINA)

POR ESSE MUNDO...

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Primeiro, são as notícias, sempre sensacionais, que anunciam a chegada da estação. As primeiras flores que desabrocham, as primeiras cegonhas avistadas, os primeiros pássaros que voltam a cantar. E as províncias exultam, vibram, quando é nas suas terras que aparece o primeiro sinal indicador.

Depois, são os anúncios. Barcos para vender, exposições de artigos para o verão, casas de campo para alugar. As modas, a linha «Ho», as cores vivas, os tecidos leves. As campanhas comerciais: «A Semana Francesa», «A Semana Italiana», com artigos importados para atrair a vaidade feminina.

Os anúncios mais interessantes, porém, são os das viagens, as ofertas das agências de turismo. Alegres, coloridos, bizarros, mostram um mundo diferente, experiências inéditas que bem falam ao espírito aventureiro dos descendentes de vikings. Não é sem razão que se afirma, só ficarem em Estocolmo os velhos, crianças e cães, durante o verão.

Todos os suecos viajam. Qualquer empregado de comércio, secretárias, estudantes, funcionários, vão realizar agora os planos cuidadosamente engendrados durante o inverno. Para eles, que não têm grandes posses, são organizados centenas de programas económicos que lhes permitem correr a Europa.

Parece incrível o número de suecos que todas as primaveras e verões andam pelo continente. Vamos encontrá-los por toda a parte. Seria difícil dizer quais os países que preferem, mas a França, a Itália, a Espanha, serão talvez, os mais concorridos. Antes da guerra, o valor da coroa, em relação ao franco, tornava a França lugar ideal para os suecos. Hoje em dia, a Espanha e a Itália têm muito mais que oferecer por muito menos. E os suecos, que admiram fervorosamente o ritmo quente da música latina, o colorido bizarro e os costumes, para eles exóticos, da Espanha, ali acorrem em busca de emoções.

E os jornais suecos estão agora repletos de anúncios cativantes, de propostas e sugestões para como passar as férias, tirando o máximo do mínimo. Viagens em grupo, de autocarro, de comboio e de avião. Aparecem também os anúncios particulares: um casal que procura outro da mesma idade para compartilhar um automóvel; um jovem que deseja uma companheira de viagem para compartilhar as despesas e as aventuras; um senhor que deseja a companhia de pessoa com experiência de viagem; um grupo de jovens que não está completo. E assim por diante, ninguém precisa ficar por traz.

Embora não seja época de cinemas, teatros e óperas, os grandes diários de Estocolmo têm sempre uma página inteira de «Diversões». Na capital sueca existem cerca de 100 cinemas! Não é de estranhar, portanto, que muitas vezes um filme fique no cartaz um mês inteiro. Vários cinemas já adoptaram o «cinemascope» mas a variedade é sem fim. Filmes franceses, italianos, ingleses, austríacos, alemães — às vezes algum filme russo ou japonês — são tão comuns como os americanos. A própria Suécia lança, em média, 25 filmes novos por ano.

Tudo isto compõe um jornal sueco. E quando o curto Verão estiver terminando, eles voltam a tomar um novo teor, um novo colorido. Começam as aulas, os cursos nocturnos. As grandes temporadas teatrais, as óperas, os grandes filmes. Os saldos, as novas modas de Outono e Inverno.

E os jornais acompanham este ciclo tão vital na Suécia, as quatro estações regendo a sua vida diária. Acompanham-no, vivem-no, sentem-no e reflectem as suas facetas, espelhando a vida na Suécia.

(BISI)

Em FARO, adquira o «Notícias do Algarve», na Livraria Campinas, Rua de Santo António, 67.

Visado pela Comissão de Censura

ciais, com a liberdade do costume... Quando me querem empurrar para a esquerda, eu vou para a direita; quando me tentam empurrar para a direita, eu avanço para a esquerda.

Como vê, é um trabalho arriscado, mas que me consola o corpo e a alma!

Até breve, bom amigo, para ficarmos calcinados no eterno labor químico da

Transformação da Força e da [Matéria.

Marcos Algarve